



Mobilidade e ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras

Mobility and the teaching and learning of foreign languages

Movilidad y enseñanza-aprendizaje de lenguas extranjeras

Kyria Rebeca Finardi

Universidade Federal do Espírito Santo

Gicele Vergine Vieira

Instituto Federal de Santa Catarina/Blumenau)

Resumo

Neste estudo, de cunho qualitativo, investigamos o uso de tecnologias móveis no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. A metodologia de análise utilizada foi a da construção teórica baseada nos dados (*Grounded Theory*) (GLASER, 1998), que busca identificar tendências e temas emergentes nas falas dos participantes – 28 brasileiros nativos estudantes de língua estrangeira. Os estudantes responderam um questionário de 16 perguntas abertas. Os resultados mostraram que o MALL concentra-se nos aspectos estruturais da língua estrangeira (L2) e que precisa avançar em termos de combinar características ergonômicas e pedagógicas para promover o aprendizado da L2 como fenômeno sociocomunicativo, propiciando o desenvolvimento das habilidades produtivas da língua, seja como ferramenta de apoio, seja empregado em contextos híbridos de aprendizagem, no formato de sala de aula invertida.

Palavras-chave: Mobilidade, tecnologia, ensino-aprendizagem de L2.

Abstract

In this qualitative study we investigate the use of mobile technology for the teaching and learning of foreign languages. The methodology used for data analysis was that of Grounded Theory (GLASER, 1998), which seeks to identify tendencies and emergent themes in participants' speech. Twenty-eight participants answered a 16-open question questionnaire. The results indicate that MALL concentrates on structural aspects of L2 learning and therefore, needs to improve to combine ergonomic and pedagogical characteristics so as to promote L2 learning as a socio communicative phenomenon, fostering the development of L2 productive skills, be it as a support tool or employed in hybrid learning contexts, such as in an inverted classroom format.

Keywords: Mobility, technology, L2 teaching and learning.



Resumen

En este estudio, de cuño cualitativo, investigamos el uso de tecnologías móviles en la enseñanza-aprendizaje de lenguas extranjeras. La metodología de análisis utilizada fue la de la construcción teórica basada en los datos (Grounded Theory) (GLASER, 1998), que busca identificar tendencias y temas emergentes en las conversaciones de los participantes - 28 brasileños nativos estudiantes de lengua extranjera. Los estudiantes respondieron un cuestionario de 16 preguntas abiertas. Los resultados mostraron que el MALL se concentra en los aspectos estructurales de la lengua extranjera (L2) y que necesita avanzar en términos de combinar características ergonómicas y pedagógicas para motivar el aprendizaje de la L2 como fenómeno sociocomunicativo, propiciando el desarrollo de las habilidades productivas de la lengua, sea como herramienta de apoyo, sea empleado en contextos híbridos de aprendizaje, en el formato de aula invertida.

Palavras clave: Movilidad, tecnología, enseñanza-aprendizaje de L2.

Introdução

As novas tecnologias da informação e comunicação (NTIC) são poderosos agentes de socialização tornando o acesso à informação mais democrático e horizontal, à medida que textos, vídeos e imagens ficam disponíveis a um clique nos computadores ou a um toque nos celulares e *tablets*. A aprendizagem móvel (*M-learning*), ou a aprendizagem em mobilidade suportada por dispositivos móveis (QUINN, 2000) que surgiu na era da conexão (WEINBERGER, 2008), já foi anunciada na pauta de políticas públicas globais e locais, como mostram a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciências e a Cultura – UNESCO – e o Governo Federal brasileiro, por ocasião da distribuição de dispositivos móveis (*tablets*) para professores da rede pública.

Estudos sobre o aprendizado móvel na América do Norte, Europa e Austrália (EISENBERG, 2007; HARTNELL; YOUNG; HEYM, 2008; PEMBERTON; FALLAHKHAIR, 2009; SHARPLES et al, 2009) sugerem que os telefones celulares têm um grande potencial para a aprendizagem fora do ambiente escolar. No caso específico do uso da tecnologia móvel no ensino-aprendizado de línguas (*Mobile Assisted Language Learning*, ou MALL, na abreviação em inglês e doravante neste artigo) que se ancora no ensino-aprendizado de línguas mediado por computador (*Computer Assisted Language Learning* ou CALL na abreviação em inglês e doravante neste artigo) (por exemplo, MIODUSER; TURKASPA; LEITNER, 2000), o MALL tem o potencial de criar as mesmas oportunidades de aprendizado de línguas estrangeiras de forma independente e com retorno corretivo (*feedback*) imediato do CALL, porém com mais vantagens, tais como a portabilidade, interatividade social, sensibilidade ao contexto, conectividade, individualidade e imediatismo (ATTEWELL; WEBSTER, 2004; CHINNERY, 2006; SOLOWAY et al, 2001).

Para a nova geração de estudantes de línguas estrangeiras que quer assumir o controle do que aprendem (KUKULSKA-HULME; SHIELD, 2007), o MALL pode ser uma opção relevante fornecendo conteúdos e ferramentas de baixo custo para melhorar a proficiência na língua estrangeira tanto em abordagens tradicionais como nas híbridas (por exemplo, FADINI; FINARDI, 2015a, 2015b; FINARDI; SILVEIRA; LIMA, no



prelo; FINARDI; PREBIANCA; SCHMITT, no prelo; PREBIANCA; FINARDI; CARDOSO, 2015; PREBIANCA; FINARDI; CARDOSO, 2015; PREBIANCA; VIEIRA; FINARDI, 2014; PREBIANCA, CARDOSO, FINARDI, 2014; SILVEIRA; FINARDI, 2015). Segundo esses autores, tais recursos oferecem mais vantagens ao aprendizado de línguas estrangeiras do que as abordagens tradicionais, justamente por terem o potencial de desenvolver a autonomia do aprendiz e de maximizar o contato na e com a língua alvo fora da sala de aula.

Estudos sobre o MALL sugerem que ele pode ajudar no desenvolvimento de diferentes aspectos do aprendizado da língua estrangeira, tais como o desenvolvimento da habilidade de produção oral (KUKULSKA-HULME, 2005), o desenvolvimento de vocabulário (THORNTON; HOUSER, 2005) e o desenvolvimento de frases (THORNTON; HOUSER, 2005; MORITA, 2003), por exemplo, aumentando o tempo de exposição à língua estrangeira, com ou sem o uso de aplicativos. Entretanto, o conceito de aprendizagem ubíqua (SANTAELLA, 2014) e sua relação com as tecnologias móveis ligadas às línguas estrangeiras ainda é um campo relativamente carente de pesquisas, como nos aponta Sharples (2005). Assim, com o intuito de contribuir para pesquisas sobre uso de tecnologias móveis no ensino-aprendizado de línguas estrangeiras, o presente estudo tem como objetivo avaliar o uso de tecnologias móveis no aprendizado de línguas estrangeiras no Brasil.

Revisão da Literatura

A aprendizagem móvel pode ser definida como aquela que acontece em um lugar não determinado ou fixo e Kukulska (2005) acrescenta que esse tipo de aprendizado é espontâneo, pessoal, informal, contextual, portátil, ubíquo e pervasivo (tão integrado com atividades cotidianas que é difícil notá-lo). Esses atributos fazem que a aprendizagem móvel se assemelhe a outros tipos de aprendizagem eletrônica (*e-learning*), mas com as vantagens e desvantagens de lugares mais variados, da interação mais imediata e de aparelhos menores e, em geral, sem fio. A novidade da aprendizagem móvel reside nas possibilidades trazidas por aparelhos portáteis, como telefones celulares e *tablets*, que podem ser levados a qualquer lugar e usados para comunicar e colaborar, tanto em atividades educacionais quanto recreativas. Aliás, a linha que separa as atividades educacionais das recreativas parece estar cada vez mais tênue, como sugere Arruda (2013).

Godwin-Jones (2011) afirma que, desde que o aprendizado de línguas móvel (MALL) foi cunhado por Chinnery (2006), o uso de aparelhos móveis para o aprendizado de línguas cresceu exponencialmente. Ainda que o MALL tenha sido considerado como um braço do CALL (KUKULSKA-HULME; SHIELD, 2008), aquele difere deste por seu uso pessoal, portátil e que permite novas formas de aprendizado, enfatizando a continuidade e espontaneidade do acesso e das interações. Godwin-Jones (2011) revisa estudos sobre o uso de celulares no aprendizado de línguas, como o de Thornton and Houser (2005, apud Godwin-Jones, 2011) para o aprendizado de vocabulário em inglês, o de



Levy e Kennedy (2005, apud Godwin-Jones, 2011), que usaram mensagens em celulares para aumentar o vocabulário em italiano, o de Kiernan e Aixawa (2004, apud Godwin-Jones, 2011), que usaram tarefas pedagógicas realizadas nos celulares concluindo que essa abordagem pode levar ao aprendizado da língua com foco no significado, o de Cho (2009, apud Godwin-Jones, 2011) e o de Lee (2010, apud Godwin-Jones, 2011), que mostraram que *smartphones* permitem uma combinação de multimídia e internet, aumentando o aprendizado, a colaboração e a autonomia.

Em relação aos aplicativos usados no MALL, Kim e Kwon (2012) fizeram um levantamento dos números de aplicativos usados por áreas de aprendizado de línguas. Nesse levantamento, foram encontrados 87 aplicativos, sendo que 37 deles se destinavam ao aprendizado de vocabulário, 15, ao aprendizado da compreensão escrita, 11, ao aprendizado de gramática, 10, ao aprendizado da compreensão oral, 8, ao aprendizado da produção oral e 5, ao aprendizado da produção escrita. Esse levantamento mostra que a maior parte dos aplicativos se destina ao aprendizado de vocabulário e de habilidades receptivas (compreensão leitora e compreensão auditiva). Os aplicativos para o desenvolvimento das habilidades produtivas (produção oral e produção escrita) são mais raros e, segundo Finardi, Prebianca, Schmitt e Andrade (2014) e Finardi, Prebianca e Schmitt (no prelo), essas são justamente as habilidades mais difíceis de serem desenvolvidas em cursos online.

A análise dos aplicativos para o aprendizado de línguas estrangeiras em Kim e Kwon (2012) mostra que a maioria dos aplicativos apresenta a língua como listas de palavras, pronúncia, elementos gramaticais e exemplos de diálogos. Esses resultados não são inesperados em face das características do telefone celular com suas telas pequenas que permitem apenas certos tipos de visualização e digitação. Assim, a maioria dos aplicativos se limita ao desenvolvimento linguístico no nível lexical, não permitindo um aprendizado pleno, uma vez que não comportam oportunidades de interação social na língua estrangeira. A maior parte das atividades propostas por esses aplicativos são do tipo exercícios de associação, memorização e compreensão, em que a tecnologia funciona como um recurso (listas de palavras, jogos etc.) ou ferramenta (dicionários, gravador de voz etc.) controlado pelo usuário. Nesse sentido, o MALL se assemelha muito ao CALL (KERN; WARSCHAUER, 2000), uma vez que não há instruções que controlem o aprendiz, mas oportunidades de aprendizado individual.

As tecnologias interativas sociais, tais como as redes sociais e as *wikis* raramente são empregadas no CALL (KERN; WARSCHAUER, 2000) ou no aprendizado de línguas estrangeiras, como mostrado por Finardi e Porcino (2016), como é o caso do uso do *Facebook* para o aprendizado de inglês. Outra questão a ser considerada em relação aos aplicativos para aprendizado de línguas estrangeiras é que eles usam várias funções multimídia, tais como sons, vídeos, imagens, numa abordagem de ensino focada na instrução e na forma, enquanto redes sociais, por exemplo, claramente oferecem oportunidades de práticas mais colaborativas e construtivas, focadas no significado, mas que não são ativamente usadas para o aprendizado línguas estrangeiras.



Chinnery (2006) lembra que os aplicativos para o MALL têm vantagens e desvantagens. As vantagens se relacionam ao fato de que o aprendizado no MALL é ubíquo e flexível, estimulando motivação e autonomia do aprendiz. As desvantagens se relacionam à falta de oportunidades para colaboração e aprendizado situado. Segundo o autor, os aplicativos para o MALL ajudam o aprendizado individual, mas não ajudam muito o aprendizado pessoal. Em um levantamento do MALL, Chinnery (2006) reporta projetos para aprendizado de vocabulário, testes, tutoria, lições por *email*, entre outros. Alguns desses projetos tiveram problemas relacionados a limitações técnicas dos aparelhos usados, tais como problemas com imagem, vídeo, leitura de texto, baixa qualidade de som, dentre outros. Muitos desses problemas foram superados com a chegada de novos aparelhos, como o *iPhone* e o *Android*, com telas maiores, melhor resolução e maior capacidade de memória e processamento. Obviamente esse novo hardware aumentou as possibilidades de aprendizado, mas é preciso lembrar que o *software* também é importante e deve ser considerado no MALL.

Em relação ao uso de *software* educacional para o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, Prebianca, dos Santos Junior e Finardi (2014), Prebianca, Vieira e Finardi (2014), Prebianca, Finardi, Schmitt e Andrade (no prelo) e Finardi, Prebianca e Schmitt (no prelo) analisaram vários aspectos da interação humano-computador de diversos *softwares* de ensino-aprendizagem de inglês. De maneira geral, esses estudos sugerem que os programas analisados são mais orientados ao conteúdo do que aos processos mentais que subjazem à execução das tarefas propostas pelo *software* e que, por sua vez, levam ao aprendizado da língua estrangeira. Os aplicativos investigados também se mostraram deficitários em relação ao *feedback*, uma vez que estes não conduzem os aprendizes ao desenvolvimento de estratégias metacognitivas necessárias ao aprendizado. Porém, o aspecto mais crítico, segundo esses autores, é que esses aplicativos não proporcionam as condições ideais para que os aprendizes desenvolvam fluentemente as habilidades produtivas, como a escrita e a fala, devido à falta de *feedback* apropriado.

Em um levantamento sobre MALL feito por Kukukska-Hulme e Shield em 2007, foi possível observar que a maior parte dos usuários de celulares não aproveitam as possibilidades dos aparelhos para o aprendizado. A maior parte das atividades realizadas eram propostas pelo professor em horários agendados, o que não é compatível com a proposta de mobilidade do MALL. As interações orais foram muito pouco frequentes nesse levantamento e o estudo mostrou ainda que os problemas não se relacionavam tanto com o *hardware/software*, mas com a forma de conceitualizar a língua e o seu aprendizado por meio do MALL.

Em relação às desvantagens do MALL, Kukukska-Hulme e Shield (2007) citam as seguintes: telas menores, qualidade audiovisual limitada, entrada de dados limitada a um dedo, bateria limitada, limitação de comunicação não verbal, limite do tamanho de textos, falta de contexto cultural e interação social. Os autores



lembram ainda que, à medida que as tecnologias avançam, os tamanhos dos aparelhos diminuem e eles se tornam cada vez mais visuais e menos verbais, o que representa uma desvantagem para o aprendizado de línguas. Seja como for, é importante lembrar que a tecnologia pode ser instrumental no aprendizado de línguas, mas não é e nem substitui instrutores e nesse sentido deve ser vista como um apoio pedagógico.

Viberg e Grönlund (2012) fizeram uma meta-análise do MALL e CALL entre 2007 e 2012, revisando um total de 89 trabalhos que incluíram estudos sobre os efeitos do uso do celular no aprendizado de língua estrangeira, atitudes de aprendizes sobre MALL, estudos empíricos e estudos do estado da arte sobre MALL e CALL. O levantamento desses autores mostrou que a maioria dos estudos de MALL era sobre aquisição de vocabulário e alguns sugeriram benefícios para a integração do MALL em contextos formais e informais, ainda que faltem estudos empíricos com evidências concretas de como o MALL possa melhorar o aprendizado de línguas estrangeiras.

Para Kukulska-Hulme e Shield (2007), o aprendizado de línguas é uma atividade social e, como tal, a falta de interação é uma desvantagem para o MALL. Mais recentemente, essa desvantagem pode ser, até certo ponto, superada por aplicativos de voz na internet (VoIP) como o Skype. No passado, o MALL era definido com base na mobilidade da tecnologia, mas, agora, já começa a ser definido em relação à mobilidade do aprendiz (SHARPLES, 2006). Entretanto, a maior parte dos pesquisadores de MALL parece focar no uso da tecnologia móvel como suporte pedagógico em abordagens sem professor, ainda que a maior parte dos estudos sobre MALL trate de projetos direcionados por professores.

Miangah e Nezarat (2012) analisaram áreas de concentração do MALL, tais como vocabulário, gramática, fonética e compreensão leitora, fazendo um levantamento de atividades do MALL de baixo custo, como registros de produções orais e produção de imagens e vídeos. Em outro levantamento do MALL nos últimos 20 anos, Burston (2013) encontrou 345 artigos, sendo a maior parte deles de descrições de projetos que usaram MALL. Rahimi e Soleymani (2015) investigaram o impacto do MALL na ansiedade durante a compreensão oral, mostrando que o grupo experimental teve a ansiedade consideravelmente reduzida em relação ao grupo controle (que não foi submetido ao MALL). Joseph e Uther (2009) analisaram o MALL em relação a teorias de aprendizado de línguas estrangeiras, como a Teoria da Gramática Universal, a behaviorista, a construtivista, a de análise de erros, a interacional e o modelo de processamento cognitivo, sugerindo que o MALL deveria: 1) apresentar materiais do mesmo nível ou em um nível um pouco acima do nível do aprendiz; 2) criar tarefas autênticas; 3) promover o apoio tipo andaime (*scaffold*); 4) conectar o conteúdo com os esquemas (*schemas*) dos aprendizes; 5) apresentar informação visual e verbal juntas; 6) permitir que os aprendizes escolham a modalidade; 7) dar oportunidade de preparo antes das atividades.



Método

O presente estudo, de cunho qualitativo, objetivou investigar o uso de tecnologias móveis no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras (L2). A metodologia de análise utilizada foi a da construção teórica baseada nos dados (*Grounded Theory*) (GLASER, 1998), que busca identificar tendências e temas emergentes nas falas dos participantes. Um questionário com 16 perguntas abertas (Apêndice 1) foi enviado por email e respondido por 28 brasileiros, estudantes de L2 (18 do gênero feminino e 10 do gênero masculino). A idade dos participantes variou entre 19 e 58 anos. Na ocasião da coleta de dados, estes eram professores e/ou estudantes de Letras (12), arquitetos (2), estudante de arquivologia (1), economista (1), publicitária (1), médica (1), pastor (1), gestores hospitalares (2), desenvolvedor de web (1), técnico em enfermagem (1), intérprete de LIBRAS (1), estudantes de Engenharia (2) e químicos (2).

Resultados e Discussão

De acordo com a análise de dados, dos 28 participantes, apenas 1 afirmou não estar estudando uma língua estrangeira. As línguas estrangeiras mais estudadas citadas pelos participantes foram, respectivamente, Inglês (21 estudantes), Espanhol (8 estudantes), Francês e Alemão (5 estudantes cada idioma), Hebraico (2 estudantes), Italiano (1 estudante) e Holandês (1 estudante).

A maioria dos participantes afirmou que utiliza a internet em algumas atividades propostas durante as aulas L2, porém seis não a utilizam e seis estudam apenas pela internet. Para os que utilizam a internet, esse recurso é essencial para estudar (10 alunos), para o uso de tradutores on-line (7 estudantes), para tirar dúvidas (6 estudantes), para realizar cursos online (5 estudantes), para a prática da conversação (2 estudantes). Oito (8) participantes não responderam à questão.

Entre os 28 participantes do estudo, apenas 10 confirmaram possuir *smartphones*, 3 disseram que possuem *tablets* e 15 não especificaram o tipo de dispositivo móvel possuem. No entanto, acredita-se que, mesmo não fazendo tal especificação, utilizam estes dispositivos para estudar e/ou praticar a L2, pois, de acordo com os dados coletados, apenas 4 estudantes disseram não utilizar dispositivos móveis para esta finalidade. O Quadro 1 apresenta os aplicativos¹ mais utilizados pelos estudantes para prática da L2 em dispositivos móveis.

1 Neste artigo, o termo aplicativo é usado para se referir à *websites*, *software* educacionais, redes sociais e demais recursos tecnológicos utilizados pelos participantes deste estudo para aprender uma L2.

QUADRO 1 - Aplicativos utilizados para prática da L2 em dispositivos móveis

Número de Estudantes	Aplicativo utilizado	Número de Estudantes	Aplicativo utilizado
13	Duolingo	1	IMO
9	Google tradutor	1	KIK
6	Dicionários on-line	1	Viber
3	Busuu	1	Skype
2	Omegle	1	Ma Kore
2	Youtube	1	Chinese skill
2	Tanden	1	Babbel
1	Linguee	1	Menrise
-	-	1	Speak English

Fonte: Dados das autoras.

As atividades mais procuradas pelos estudantes que utilizam os aplicativos apontados neste estudo são: conversas por redes sociais (6 estudantes), edição de imagens e vídeos (1), tradução (7), expansão e prática de vocabulário (8), estudo de regras da língua (9). Sete participantes não mencionaram as atividades que realizam. Onze (11) estudantes afirmaram que conheceram os aplicativos utilizados para estudar a L2 por meio da indicação de amigos e/ou parentes. Nove (9) disseram que descobriram o aplicativo pesquisando na internet. Um (1) afirmou que tomou conhecimento do aplicativo por meio de propaganda e sete (7) não responderam à pergunta.

Quanto ao tempo de utilização dos aplicativos para dispositivos móveis pelos estudantes, seis (6) mencionaram que utilizam o *software* há menos de um ano, seis (6) o utilizam há um ano, dois (2) há dois anos, outros dois (2) há três anos, um (1) há quatro anos e um (1) há sete anos. Dez (10) participantes não responderam a essa questão.

Entre os 28 participantes do estudo, dezessete (17) concordam que os aplicativos utilizados em seus dispositivos móveis são úteis para o aprendizado de L2, um (1) participante não acredita nisso e dez (10) não se manifestaram. Quando perguntados sobre como os aplicativos poderiam ser melhorados, cinco (5) participantes disseram que estes deveriam melhorar a conversação em tempo real, dois (2) concordam que há necessidade de melhorar a tradução, um (1) apontou para a necessidade de os aplicativos melhorarem o acesso *off-line*, um (1) gostaria que os aplicativos fossem mais dinâmicos, um (1) acredita que é preciso melhorar as explicações fornecidas pelo *software*, um (1) gostaria de receber suporte e um (1) de eliminar a chance de se obter vírus de computador por meio destes aplicativos.



Em relação aos aplicativos usados pelos participantes, uma análise das suas principais funções sugere que a maioria deles aparenta apresentar uma abordagem estruturalista da L2, uma vez que concentra o aprendizado em atividades de vocabulário e tradução. O Quadro 2 apresenta as principais características dos aplicativos mencionados pelos participantes deste estudo.

QUADRO 2 – Características dos aplicativos utilizados pelos participantes para estudar L2

<p>Duolingo</p> <p>Este aplicativo refere-se a um sítio na internet de ensino de idiomas gratuito que permite que os usuários progridam nas lições ao mesmo tempo que traduzem conteúdo real da internet. O programa oferece basicamente lições de escrita e ditado, com possibilidade limitada de prática de produção oral.</p> <p>As atividades propostas nas lições podem ser de escrita de palavras, de frases ouvidas em uma gravação de áudio, de tradução de palavras e/ou frases, de múltipla escolha, de aprendizado de palavras novas por meio de uma imagem ou de uma indicação em um texto para traduzir e de escolha da tradução correta. Há também uma seção na qual o vocabulário aprendido pode ser revisado pelo aprendiz.</p>
<p>Google tradutor</p> <p>O Google Tradutor é um <i>software</i> que permite a tradução instantânea de textos e sítios da internet, através de imagens, de voz em modo de conversação e de vídeo em tempo real.</p>
<p>Dicionários on-line</p> <p>São recursos geralmente usados para consulta de vocabulário e exemplos de uso das palavras em contextos semânticos variados.</p>
<p>Busuu</p> <p>Busuu é uma rede social e uma plataforma comunitária para o aprendizado de línguas. Os cursos são divididos em unidades de aprendizagem e os aprendizes dispõem de vários tipos de materiais e/ou atividades, tais como vocabulário, diálogos, áudio e <i>podcasts</i>. Os aprendizes podem verificar seu progresso por meio de testes interativos. Além disso, o programa oferece o recurso de vídeo chat integrado, permitindo que os usuários conversem com falantes nativos da L2.</p>
<p>Omegle</p> <p>Omegle é um sítio que possibilita que seus usuários se comuniquem com falantes de todo o mundo, por meio de troca de mensagens (bate-papo) anonimamente, apenas utilizando apelidos como You (Você) e Stranger (Estranho).</p>
<p>Youtube</p> <p>YouTube é um sítio da internet que permite carregar e compartilhar vídeos em diversos idiomas em formato digital.</p>
<p>Tandem</p> <p>Tandem é um aplicativo que auxilia usuários a encontrar falantes nativos ou proficientes da L2 que desejem aprender/praticar. O bate-papo entre usuários pode ser via áudio ou vídeo.</p>
<p>Linguee</p> <p>Linguee é um serviço de dicionário para diversas línguas estrangeiras que possibilita a consulta ao significado das palavras e o acesso a uma diversidade de frases apresentadas na língua nativa e na L2 simultaneamente.</p>
<p>IMO</p> <p>O IMO é um aplicativo agregador de bate-papo (<i>chats</i>) que permite conectar usuários em todos os aplicativos de bate-papo desde que estejam conectados ao IMO. O programa também disponibiliza a funcionalidade de vídeo <i>chat</i>.</p>



KIK Este é um aplicativo de bate-papo síncrono para dispositivos móveis que preserva a autonomia do usuário, exigindo apenas o nome para identificação do mesmo. O sistema permite enviar e receber mensagens, fotos e vídeos.
Viber Este aplicativo disponibiliza o recebimento e envio de mensagens de texto e voz, imagens e vídeos.
Skype Skype é um programa que permite comunicação pela internet por meio de conexões de voz e vídeo via VoIP.
Ma Kore Ma Kore é um aplicativo para o aprendizado de vocabulário, frases e gramática de hebraico. O programa contém 86 lições baseadas em situações da vida real incluindo voos e reservas em hotéis, jantar, compras, experiências e fazer amizades. Os estudantes podem aprender a L2 por meio de jogos, áudio de falantes nativos, perguntas de múltipla escolha e memorização de palavras.
Chinese skill Este é um aplicativo utilizado para aprender Chinês como L2. O <i>software</i> proporciona o aprendizado de mais de 150 pontos de gramática, 200 frases padrão, 1000 palavras-chave e frases e 2000 caracteres chineses.
Babbel Programa de ensino de idiomas online disponível em 13 línguas em mais de 190 países. O Babbel é dividido em níveis (iniciante e avançado) e tem exercícios de vocabulário, gramática e pronúncia.
Memrise Plataforma de aprendizado online criado por uma comunidade que oferece cursos de línguas e de conteúdos acadêmicos e não acadêmicos (como jogos e cultura popular). As atividades são feitas com ajuda mnemônica de associação de imagens.
Speak English Plataforma para aprendizado de inglês gratuita com lições e atividades de pronúncia e conteúdos de áudio que podem ser tocados em diferentes velocidades.

Fonte: adaptado de www.wikipedia.com; <https://vive.zendesk.com/home>; <https://itunes.apple.com/br/app/tandem-aprenda-idomas-gratis/id959001619?mt=8>; <https://www.babbel.com>

Como se pode observar nos Quadros 1 e 2, entre os sete (7) aplicativos mais utilizados pelos participantes deste estudo, quatro (4) se concentram na aquisição de habilidades receptivas da L2, como a leitura e a audição. São eles: Duolingo, Google Tradutor, Omegle e Youtube. Estes aplicativos também se baseiam em uma abordagem estruturalista do uso de idioma, ignorando, de certo modo, a complexidade da função comunicativa da língua como fenômeno social. O simples aprendizado de vocabulário e regras gramaticais, ou ainda o desenvolvimento de habilidades receptivas apenas, parece não preparar os aprendizes para o uso fluente da L2, em uma perspectiva social da linguagem (KUKULSKA-HULME; SHIELD, 2007).

Vale a pena mencionar que os demais aplicativos citados pelos participantes da presente pesquisa também apresentam características estruturalistas, enfatizando o aprendizado principalmente de gramática e vocabulário. No entanto, quatro (4) desses

(IMO, KIK, Viber e Skype) possibilitam a comunicação oral com outros falantes e, por isso, se aproximam um pouco mais da visão de língua como ato sociocomunicativo. Os outros seis (6) não dispõem de nenhum tipo de interação por voz entre usuários, o que não permite ao aprendiz explorar e desenvolver aspectos produtivos da L2, como a interação oral com outros usuários ou, ainda, a produção escrita (por exemplo, Linguee, Ma Kore, Chinese Skill, Babbel, Menrise e Speak English).

Conforme argumentado por Viberg e Grönlund (2012), e com base nos dados aqui reportados, as tecnologias móveis para o ensino-aprendizagem de uma L2 parecem carecer de um olhar mais pedagógico que suporte o desenvolvimento de aplicativos para a promoção do aprendizado não apenas das estruturas linguísticas do idioma, mas também das habilidades comunicativas. Em outras palavras, um *software* educacional precisa de uma *interface* e de um código que possibilitem, concomitantemente, um aprendizado lúdico, contextualizado, situado, em locais e horários de livre escolha do aprendiz, porém, que se conectem aos esquemas mentais dos aprendizes, corroborando Joseph e Uther (2009). Isso equivale a dizer que as atividades propostas tanto para o aprendizado das habilidades receptivas quanto comunicativas devem conduzir os aprendizes ao desenvolvimento de operações cognitivas que subjazem ao próprio processo de aprendizagem, tais como observação, análise, síntese, comparação, generalização, entre outros (PREBIANCA; VIEIRA; FINARDI, 2014).

Uma forma de prover o desenvolvimento de esquemas mentais que culminam com o aprendizado da L2 é oferecer *feedback* corretivo e a troca de conhecimento entre professor-aluno e aluno-aluno. Sendo assim, reforçamos o argumento de Finardi, Prebianca e Schmitt (no prelo) de que o MALL pode ser de grande valia para o ensino-aprendizagem de L2, quando utilizado, especialmente, em contextos híbridos de aprendizagem, como a sala de aula invertida. Desta forma, o suporte e a interação com os pares (professor e alunos) teriam papel fundamental no desenvolvimento (i) das habilidades produtivas do idioma, deficitárias na grande maioria dos aplicativos, e (ii) dos processos cognitivos mentais necessários ao aprendizado, conjugando características ergonômicas e pedagógicas, conforme já argumentado por Prebianca, Vieira e Finardi (2014), Prebianca, dos Santos Júnior e Finardi (2014), Finardi, Prebianca, Schmitt e Andrade (2014), Prebianca, Finardi e Cardoso (2015) e Finardi, Prebianca e Schmitt (no prelo). Nesse sentido, parece-nos que o MALL ainda tem um longo caminho a percorrer, a fim de ser considerado uma possibilidade de aprendizado da língua como fenômeno social, com maior interação.

Os participantes do presente estudo também foram questionados se os avanços tecnológicos como a internet, os dispositivos móveis e os novos aplicativos para estes dispositivos podem contribuir para o aprendizado de uma língua estrangeira sem a necessidade de frequentar cursos presenciais. O Quadro 3 apresenta as opiniões dos participantes sobre esse quesito.



QUADRO 3 - Opiniões dos estudantes sobre a necessidade de frequentar cursos presenciais

Participante 1	Cada pessoa sente uma necessidade, para mim eles são suficientes porque treino bastante e através de sites conheço nativos do idioma e ali exercito o que aprendi, talvez a questão da pronúncia e acento seja falho mas no geral é o máximo. Outra coisa também que os sites que falo com nativos são fundamentais porque aprendo as variações do idioma formal, a verdadeira maneira que os nativos se comunicam.
Participante 2	Ainda não, pois estudar de forma remota requer uma certa disciplina que muitos alunos ainda não possuem maturidade para lidar com tal prática.
Participante 3	Jamais! Como disse anteriormente, esses apetrechos devem ser vistos como ferramenta auxiliadora. A vivência dentro de uma sala de aula é muito mais rica. A dúvida de um amigo de sala contribui para todos da classe. Além disso, a cobrança de exercícios pelos professores, a presença em aula, o compromisso nas atividades diárias e a conversação são insubstituíveis. Caso o mundo alcance um futuro em que as crianças aprendam tudo pela internet e seus dispositivos online, seremos uma sociedade robotizada, desumana e que jamais conseguirá trabalhar em equipe. Não conseguirá enxergar a riqueza de uma sala de aula e a sabedoria de um professor presente.
Participante 4	Sem dúvidas. A internet principalmente nos proporciona um contato enorme com a língua e até cultura e tais <i>websites</i> e aplicativos dão enorme suporte para os alunos que estejam interessados em aprender. Atualmente, o número de autodidatas tem aumentado muito e certamente a internet e suas tecnologias atuam como um grande facilitador no processo.
Participante 5	A questão da melhora do aplicativo não se aplica aqui pois ensino não é a proposta deles. Sem sombra de dúvidas, sem frequentar curso de línguas me tornei fluente em Inglês, que hoje passou a ser a língua que mais uso na minha vida tanto acadêmica quanto pessoal. Consigo manter conversação em natural speed em espanhol. Tenho um conhecimento considerável em francês e estou me preparando para a minha mudança para estudar na Holanda apenas com materiais encontrados na internet e com ajuda de outros falantes da língua utilizando os aplicativos mencionados acima.
Participante 6	Sim, pois muitas pessoas aprendem fora de sala de aula. Eu não sou uma delas, preciso também do momento dentro de sala, mas acho possível sim aprender uma língua com o auxílio da internet, já que ela oferece vários meios para a aprendizagem, como por exemplo, jogos, vídeos, filmes, séries, etc.
Participante 10	Não. Cursos presenciais exigem uma rotina mais intensa, permite nos aprofundarmos mais no assunto, e estabelece uma cobrança e cumprimento na frequência. Personaliza o aprendizado e a perfeição na fluência.
Participante 11	Sim, pois tendo acesso irrestrito, cada usuário poderia montar a sua rotina de estudo aliada a comodidade de estudar onde quiser.
Participante 12	Sim [...] a tecnologia quando utilizada como uma ponte para interligar pessoas, pode trazer bons frutos e um aprendizado bem mais rico.
Participante 13	Sim, desde que a pessoa tenha interesse e disciplina para sempre estudar a língua escolhida. Vale lembrar que existem também salas de aula virtuais e gratuitas. Mas se a pessoa não tiver disciplina para estudar sozinho o melhor é frequentar um curso de línguas.
Participante 14	Não, pode haver muita distração, então só poderia substituir com alunos muito disciplinados.
Participante 15	Não sei se poderiam chegar a tanto... mas acredito na ciência. Acredito também que nada substitui uma pessoa falante natural da língua, para a prática de um idioma.
Participante 16	Em minha opinião sim, entretanto, para mim particularmente prefiro utilizar estes meios somente como material complementar. Ainda sinto a necessidade de presencialmente receber algum tipo de instrução ou auxílio.



Participante 17	Depende. Se uma pessoa realmente não tem tempo de frequentar um curso de idiomas, alguns aplicativos podem ser uma alternativa para o aprendizado de uma língua. Mas não creio que substitua um curso de idiomas.
Participante 18	Sim, porém para pessoas um pouco autodidatas, pessoas com maiores dificuldades seria melhor aulas presenciais, tudo depende do perfil da pessoa, tem pessoas que não são disciplinadas e então estudar sozinho não funcionaria, outras gostam da companhia de outras pessoas e aí também preferem a aula presencial. Sempre depende do tipo da pessoa.
Participante 19	Sim. Devido à flexibilidade, como poder estudar onde estiver e na hora em que houver disponibilidade. Aliado a disciplina, os aplicativos em dispositivos móveis são grandes aliados. Talvez os melhores.
Participante 21	Não. Acredito que os avanços tecnológicos facilitaram muito o aprendizado das línguas estrangeiras, porém ter um professor para sanar suas dúvidas e você ter uma conversa direta ainda é melhor.
Participante 22	Penso que são ferramentas importantíssimas para o aprendizado, mas nada irá por enquanto substituir a figura do professor, porque precisamos ter interatividade para que aconteça o aprendizado e o crescimento.
Participante 23	Eles podem ajudar, pois a abordagem aplicada pode ajudar alunos com dificuldades em relação a metodologia usada na escola onde estudam.
Participante 24	Acredito que sim! Um dia vamos acabar chegando nesse ponto. Na verdade, já é uma realidade... Conheço pessoas que aprenderam línguas diversas por autodidática... Mas o ser humano é diferente um do outro. Cada pessoa aprende de um jeito. Então mesmo que o número de pessoas frequentando escolas de idiomas caia, será difícil extinguir o professor e a sala de aula, pois algumas pessoas ainda preferem o modelo tradicional.
Participante 25	Isso varia de pessoa para pessoa, uma vez que cada indivíduo possui diferentes restrições no aprendizado e que, segundo o estudo das múltiplas inteligências, uma pessoa que tenha facilidade com situações lógico matemáticas, dificilmente conseguirá, por si só, aprender uma nova língua, necessitando assim de um acompanhamento.

Fonte: Dados das autoras.

Os participantes 7, 8, 9, 20, 26, 27 e 28 não se manifestaram em relação a essa questão.

Os dados do Quadro 3 indicam que há diferentes motivos pelos quais os estudantes de L2 acreditam ou não na contribuição da tecnologia para o aprendizado de uma língua estrangeira. Os que veem o uso de recursos tecnológicos apenas como ferramentas facilitadoras argumentam que: estudar sozinho requer disciplina (2 participantes); a troca de experiências em sala de aula é mais rica (1 participante); cursos presenciais exigem mais do aluno (1 participante); cursos presenciais ajudam a aperfeiçoar a fluência (3 participantes); há necessidade de instrução do professor para aprender (2 participantes); a relação professor X aluno é fundamental para o aprendizado do idioma (1 participante). Os que acreditam que apenas o uso da tecnologia é suficiente para o aprendizado de uma L2 sustentam suas opiniões afirmando que: a internet e suas tecnologias são facilitadoras do processo de aprendizagem (3 participantes); a internet oferece opções para aprender outro idioma (1 participante); a tecnologia permite a conversa com falantes nativos, o que é muito importante (3 participantes); o aluno pode personalizar sua rotina de trabalho (1 participante); o aluno pode estudar onde quiser (1 participante); a interação com pessoas de diferentes partes do mundo torna o aprendizado mais rico (1 participante).



Alguns participantes também concordam que os avanços tecnológicos, como a internet, os dispositivos móveis e os novos aplicativos para estes dispositivos podem contribuir para o aprendizado de uma língua estrangeira, dependendo do estilo de aprendizagem dos indivíduos, uma vez que os aprendizes possuem diferentes preferências quanto à aprendizagem de línguas. Outro fator mencionado por um dos participantes se refere à falta de tempo para realização de cursos presenciais. Neste caso, os recursos tecnológicos, como aplicativos móveis, seriam úteis, segundo o participante.

Em relação à sugestão de que o MALL traria vantagens para a aprendizagem de L2 em razão dos diferentes estilos de aprendizagem, Finardi, Prebianca e Schmitt (no prelo), em um estudo sobre o potencial de um curso online (*My English Online* - MEO) no formato de sala de aula invertida (SAI), sugerem que a abordagem SAI pode ser uma opção relevante para atender os diferentes estilos de aprendizagem. Ainda, estudos sobre abordagens híbridas (por exemplo, FINARDI; PREBIANCA; SCHMITT, no prelo) sugerem que essas abordagens podem ajudar a potencializar o tempo/espço da aprendizagem de L2. Os dados deste estudo sugerem que muitos aprendizes de L2 sentem falta do suporte do professor e da interação em tempo real e, nesse sentido, o MALL pode ser uma alternativa relevante, se usada no formato de SAI em contextos híbridos de aprendizagem.

Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo refletir sobre o potencial da aprendizagem móvel no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras (L2). A análise dos dados levantados neste estudo corrobora estudos anteriores (por exemplo, KUKUKSKA-HULME; SHIELD, 2007; CHINNER, 2006; KIM; KWON, 2012; MIANGAH; NEZARAT, 2012; VIBERG; GRÖNLUND, 2012) mostrando que o MALL ainda é usado principalmente de forma estrutural (para aprender vocabulário e tradução por meio de associações) e que ainda falta muito para que seja visto e usado com uma visão de língua como atividade social, conforme sugerido por Kukulska-Hulme e Shield (2007), propiciando mais interação, seja por meio do seu uso em abordagens híbridas, como a SAI, como sugerido por Finardi, Prebianca e Schmitt (no prelo), seja em conjugação com outras ferramentas e/ou aplicativos, como o Skype.

Vale ressaltar que, conforme defendido por Finardi, Prebianca, Schmitt e Andrade (2014), pode não haver propensão ao aprendizado se as características ergonômicas e pedagógicas dos aplicativos usados para o ensino-aprendizagem de um L2 não forem, simultaneamente, levadas em consideração. Desse modo, desenvolvedores de *software* precisam se preocupar não apenas com questões da interação humano-computador, mas também com os processos cognitivos que subjazem à aprendizagem de um idioma por falantes não nativos.

Neste sentido, concordamos que mais pesquisas sobre o impacto do MALL na aprendizagem de L2 devam ser conduzidas, a fim de que aprendizes e professores possam fazer escolhas informadas sobre quais aplicativos usar, como incorporá-los às metodologias de ensino e, por fim, e talvez o mais importante, como esses aplicativos contribuem para o aprendizado do idioma, do ponto de vista cognitivo e sociocomunicativo.



Referências

ARRUDA, E. P. Ensino e aprendizagem na sociedade do entretenimento: desafios para a formação docente. **Educação**, v. 36, n. 2, p. 232-239, 2013.

ATTEWELL, J.; WEBSTER, T. Engaging and supporting mobile learners. In: **Proceedings of MLEARNING 2004: Mobile learning anytime everywhere**. London, UK: Learning and Skills Development Agency, 2004. p. 15-20.

BURSTON, J. Mobile-assisted language learning: A selected annotated bibliography of implementation studies 1994–2012. **Language Learning & Technology**, v. 17, n. 3, p. 157-224, 2013.

CHINNERY, G. Emerging Technologies - Going to the MALL: Mobile Assisted Language Learning. **Language Learning & Technology**, 10 (1), p. 9-16, 2006. Disponível em: <http://lt.msu.edu/vol10num1/emerging/default.html>. Acesso em: 03 nov. 2015.

EISENBERG, A. N. E. What did the professor say? Check your iPod. **The New York Times**, p. B2, 2007. Disponível em: http://uindylearningresources.pbworks.com/f/What+Did+the+Professor+Say_+Check+Your+iPod+--+New+York+Times.pdf. Acesso em: 03 nov. 2015.

FADINI, K.; FINARDI, K. R. Web 2.0 Tools for the L2 Class and Beyond. In: END 2015 - International Conference on Education and New Developments, 2015, Porto. **END 2015 International Conference on Education and New Developments Proceedings**. Lisbon: World Institute for Advanced Research and Science (WIARS) 2015, v. 1. p. 603-607, 2015a.

_____. Affordances of Web 2.0 Interfaces for the teaching/learning of L2 in the Flipped Classroom. In: International Conference of Education, Research and Innovation, 2015, Sevilha. **ICERI 2015 Proceedings**. Madri: IATED, v. 1, p. 1052-1058, 2015b.

FINARDI, K. R.; PORCINO, M. C. Facebook na ensinagem de inglês como língua adicional. In: ARAÚJO, Julio; LEFFA, Vilson. (Org.). **Redes sociais e ensino de língua: o que temos de aprender**. São Paulo: Parábola, 2016. p. 99-115.

_____; SILVEIRA, N.; LIMA, S. Linguagem, Educação e Tecnologia na Abordagem de Ensino de Conteúdos por meio da Língua na Modalidade Invertida: Uma proposta de sequência didática. Artigo submetido à **Revista Trabalhos em Linguística Aplicada**. jan.2015.

_____; PREBIANCA, G. V. V.; SCHMITT, J. English Distance Learning: possibilities and limitations of MEO for the Flipped Classroom. Edição especial: Distance Language Teaching da **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. No prelo.

_____; ANDRADE, D. F. Technology, English Language Teaching and Internationalization at a Crossroad: Insights from the Analysis of a Virtual Learning Environment in Brazil. In: International Conference of Education, Research and Innovation, 2014, Sevilha. **ICERI2014 Proceedings**, Madri: IATED, v. 1. p. 1-12, 2014.

GLASER, B. G.; STRAUSS, A. L. **Grounded theory**. Strategien qualitativer Forschung. Bern: Huber, 1998.

GODWIN-JONES, R. Emerging technologies: Mobile apps for language learning. **Language Learning & Technology**, v. 15, n. 2, p. 2-11, 2011.



JOSEPH, S.; UTHER, M. Mobile devices for language learning: Multimedia approaches. **Research and Practice in Technology Enhanced Learning**, v. 4, n. 01, p. 7-32, 2009.

KERN, R.; WARSCHAUER, M. (Ed.). **Network-based language teaching: Concepts and practice**. Cambridge University Press, 2000.

KIM, H.; KWON, Y. Exploring smartphone applications for effective mobile-assisted language learning. **Multimedia-Assisted Language Learning**, v. 15, n. 1, p. 31-57, 2012.

KUKULSKA-HULME, A; SHIELD, L. An Overview of Mobile Assisted Language Learning: Can mobile devices support collaborative practice in speaking and listening? In: **conference EuroCALL'07 Conference Virtual Strand**. 2007.

_____. An overview of mobile assisted language learning: From content delivery to supported collaboration and interaction. **ReCALL**, v. 20, n. 03, p. 271-289, 2008.

MIANGAH, T. M.; NEZARAT, A. Mobile-assisted language learning. **International Journal of Distributed and Parallel Systems**, v. 3, n. 1, p. 309-319, 2012.

MIODUSER, D; TUR-KASPA, H.; LEITNER, I. The learning value of computer-based instruction of early reading skills. **Journal of Computer Assisted Learning**, v. 16, n. 1, p. 54-63, 2000.

MORITA, M. The mobile-based learning (MBL) in Japan. In: **Creating, Connecting and Collaborating Through Computing, 2003**. C5 2003. Proceedings. First Conference on. IEEE, p. 128-129, 2003.

PEMBERTON, L.; MARCUS, W.; FALLAHKHAIR, S. A user created content approach to mobile knowledge sharing for advanced language learners. **World Conference on Mobile and contextual Learning (mLearn)**, Orlando, Florida, 2009.

PREBIANCA, G. V. V.; FINARDI, K. R.; CARDOSO, G. Ensino-aprendizagem em contextos híbridos: o que pensam os alunos sobre o uso da tecnologia em aulas de inglês no ensino médio integrado. **Caminhos em Linguística Aplicada**, v. 12, p. 95-119, 2015.

_____.; CARDOSO, G.; FINARDI, K. R. Hibridizando a educação e o ensino de inglês: questões de inclusão e qualidade. **Revista do GEL**, v. 11, p. 47-70, 2014.

_____.; SANTOS JUNIOR, V. P.; FINARDI, K. R. Analysis of an educational software for language learning: insights from the Theory of Structural Cognitive Modifiability and Human-Computer Interaction. **DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, PUC, São Paulo, v. 30, p. 95-114, 2014.

_____.; VIEIRA, M. F. V.; FINARDI, K. R. Assessing EFL learners' perceptions on the use of an educational software for English learning: an analysis of pedagogic and ergonomic features. **Revista Educacion y Tecnologia**, v. 6, p. 43-62, 2014.

QUINN, C. **mLearning: Mobile, Wireless, in your Pocket Learning**. LineZine, Fall 2000. Disponível em: <http://www.linezine.com/2.1/features/cqmmwiyp.htm>, 2000. Acesso em: 04 nov. 2015.

RAHIMI, M.; SOLEYMANI, E. The Impact of Mobile Learning on Listening Anxiety and Listening Comprehension. **English Language Teaching**, v. 8, n. 10, p. 152-161, 2015.



SANTAELLA, L. **Games e comunidades virtuais**. 2004. Disponível em: <http://www.canalcontemporaneo.art.br/tecnopoliticas/archives/000334.html>. Acesso em: 04 nov. 2015.

SHARPLES, M. Learning as conversation transforming education in the mobile age. In: **Proceedings of Conference on Seeing, Understanding, Learning in the Mobile Age**, Budapest, Hungary, p. 147-152, 2005.

_____. **Big issues in mobile learning**. 2006. Report of a workshop by the Kaleidoscope Network of Excellence Mobile Learning Initiative. 2006. <hal-00190254> Disponível em <https://telearn.archives-ouvertes.fr/hal-00190254>. Acesso em: 22 set. 2017.

SILVEIRA, N.; FINARDI, K. R. Hybridizing L2 Learning: Insights from an Intact Class Experience. In: END 2015 - International Conference on Education and New Developments, 2015, Porto Alegre. **END 2015 International Conference on Education and New Developments Proceedings**. Lisbon: World Institute for Advanced Research and Science (WIARS), v. 1, p. 593-597, 2015.

SOLOWAY, E.; NORRIS, C.; BLUMENFELD, P.; FISHMAN, B.; KRAJCIK, J.; MARX, R. Log on education: Handheld devices are ready-at-hand. **Communications of the ACM**, 44(6), p.15-20, 2001.

THORNTON, P.; HOUSER, C. Using mobile phones in English education in Japan. **Journal of Computer Assisted Learning**, 21(3), p. 217-228, 2005.

VIBERG, O.; GRÖNLUND, A. Mobile assisted language learning: A literature review. In: **11th World Conference on Mobile and Contextual Learning**. Helsinki: DiVA, 2012. Disponível em: <http://www.diva-portal.org/smash/record.jsf?pid=diva2%3A549644&dswid=7719>. Acesso em: 22 set. 2017.

WEINBERGER, D. Why Open Spectrum Matters. The end of the broadcast nation. In: MASUM, H.; BENKLER, Y. **Collective intelligence: creating a prosperous world at peace**. Oakton: Earth Intelligence Network, 2008. Disponível em: <http://libros.metabiblioteca.org/handle/001/277>. Acesso em: 22 set. 2017.

Recebido em 05 de fevereiro de 2016.

Aceito em 08 de agosto de 2016.

Kyria Rebeca Finardi

Doutora em Letras (Inglês) pela Universidade Federal de Santa Catarina em 2008. Pós-doutora pela Universidade de Genebra (2015). Professora efetiva da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) no Departamento de Linguagens, Cultura e Educação do Centro de Educação e membro permanente dos Programas de Pós Graduação em Linguística na linha de Linguística Aplicada (PPGEL) e em Educação na Linha de Educação e Linguagens (PPGE). kyria.finardi@gmail.com

Gicele Vergine Vieira

Doutora em Letras (Inglês) pela Universidade Federal de Santa Catarina em 2004. É docente do Instituto Federal de Santa Catarina, *campus* Blumenau. gicelevpreb@gmail.com



Apêndice 1 - Questionário de coleta de dados

1. Gênero
2. Idade
3. Qual sua profissão/curso?
4. Você estuda ou já estudou recentemente alguma língua
5. Qual idioma estuda ou estudou recentemente?
6. No seu curso de idiomas você utiliza a internet em algumas atividades propostas?
7. Caso sim, explique em que situações a internet é utilizada.
8. Você possui algum dispositivo móvel como smartphone ou tablet?
9. Caso sim, você utiliza algum desses dispositivos para estudar e/ou praticar a língua estrangeira na qual você está se aperfeiçoando?
10. Caso você faça uso desses dispositivos móveis para estudar uma língua estrangeira, indique quais aplicativos você utiliza.
11. Indique também quais os tipos de atividades que você realiza com o uso de tais aplicativos.
12. Como você conheceu os aplicativos que utiliza para estudar a língua estrangeira?
13. Há quanto tempo os utiliza?
14. Como você avalia os aplicativos que utiliza? Você acha que são úteis para o aprendizado da língua estrangeira? Por quê?
15. Você acredita que os aplicativos possam ou devam ser melhorados? Como?
16. Na sua opinião, os avanços tecnológicos como a internet, os dispositivos móveis e os novos aplicativos para estes dispositivos podem contribuir para o aprendizado de uma língua estrangeira sem a necessidade de frequentar cursos presenciais? Explique.